

Aluga-se

As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível for, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitiço do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencia para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de fllores, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS
A ESTA REDACÇÃO

ALBERTO FERREIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.

Consultas das 10 ás 11

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Installações completas para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres em todos os generos

GATO PRETO

R. de S. Nicolau, (esquina da R. do Crucifixo)

Lindissimos objectos para brindes

Caracteristicos e originaes modelos em

LOÇA DAS CALDAS

Artigos de Pintura

Tintas a oleo d'aguarella e pastel. Vernizes, telas, pinceis, papeis e todos os artigos proprios.



FETICEIRO



DAS TREVAS



O ZOLLEIO

Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Científico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Literarios: J. PACIFICO, RMECÉ e LAMPARINA
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 RUA DO ARCO DA GRAÇA 42 I.
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
 19 DE OUTUBRO DE 1908

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições de assignatura
 (Pagamento adelantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias..... 400 *
 A cobrança pelo correio é augmentada de 60 réis.

Tiragem: 6000 exemplares.



CHÁ

E TORRADAS



clou da semana é a questão do Oriente e o cronista que se preze, deverá, mesmo a rir, encarar o assunto de frente e entrar com ele ás voltas. Eu porem não tenho estôfo nem evergadura para brincar com certas coisas; acho que o caso não é para chá como poderia acontecer se a China andasse metida nisto, a não sêr que as potencias interessadas o tomem, por desfastio e, engulido êle, atirem chavenas e pires ás caras umas das outras. Seria curioso assistir á refeição, dado e provado o appetite d'alguns dos comensaes e não menos digno de sêr apreciado seria o final da festa, por não havêr quem cosêsse a pontos naturaes ou mesmo estendêsse um bocado de adesivo nas bréchas. Ninguem, não! O nosso pais que, nada tem com a questão do Oriente, podendo sêr quem dêsse ali a lei (passe adiante), mas, nada tem com ela e por tanto está perfeitamente nos casos de prestar-se ao

papel de enfermeiro. De mais a mais, nesta abençoada terra todos sabem por uns pontos: não estivêssemos nós na patria da facada e da bebedeira terminada fatalmente por um lenho de dimensões variaveis, dimensões que dependem mais, tenho o averiguado, da qualidade do vinho do que do numero de litros ingeridos. Assim:

O *Cartaxo* é promotor de feridas da testa, o *Colares*, da nuca, o *Larradio* põe em grande risco o alto da cabeça e os vinhos finos, *Porto*, *Madeira*, *Champagne* etc., comprometem em geral a integridade do *quetxo*, no homem, dos *labios*, na mulher.

Quaes as rasões de tão variados e extraordinarios modos duma pessoa cair e ferir-se, consoante a qualidade do vinho que bebe? Ignora-se: misterio da uva, do bago, talvez da terra, ou da agua que orvalhou a cêpa.

Esta idéa, de sêr Portugal o apaziguador de Leste, o bombeiro do Oriente e portanto o fiel da balança da paz na Europa, não é minha. Ouvia-a hontem ao *bisconde* de *Não-Sei-Quê* que, ha dois annos era *varão* de *Qualquer coisa* e se prepara para sêr brevemente conde do *Quer-que-Seja*. Abro parentesis para dizêr ao leitôr que a actual *biscondessa* se opunha fortemente, em passados tempos, epochas em que os calos dos conjuges eram apenas apertados por botas d'ar atmosférico, se opunha pois a que o marido gastasse a massa (ganha no Brazil em negocios de sêcos e molhados), em comprar titulos.

— Antes êle comprasse terras, dizia,—e depois, para que quer êle sêr *varão*?—*Varão* já êle é, ninguem o sabe melhor do que eu, por muitas

razões que *nim beem* p'ráqui e p'los murros que me tem dado nas *tronvas*.

Mais tarde, quando o microbio da *viscondia* começou a morder o coração do marido, exclamava a esposa:

— *Bisconde* inda bá. é se duas *bêzes* conde.

Podes usar duas corôas nos *vilhêtes* de *beçita*, uma por *diente* outra por *detraz*.

— Posso até pôr a corôa de barão a um cantinho do *bilhête*.

— Faze o que quizeres, mas olha, p'ra *riba* de *bisconde* *nim* subas...

— Essa agóra...

— Sim, é muito perigoso p'ra mim. Essa gente que nos tem *imbéja*, se me pilha feita *condessa*, mete-me dentro alguma coisa pesada e parte-me a aza...

— Mas olha que ficas *condessa* com dois *ss*, nada de *c* cedilhado...

— Pois sim, mas *nim* quero; nem *condessa* nem *marqueza*...

— Nem *marqueza*?...

— *Tá bisto!* Assim que *bissem* uma *marqueza* ali á *beirinha*, *senta-vam-se-le* in cima, o que era uma grande *porcaria* p'ró meu *bestido* *nôbo*.

Pois foi este *bisconde* que a respeito da questão do Oriente...

Lisboa 16-10-908.

JOÃO KEVÊ

ACTUALIDADES

Um exemplo de Telepathia negativa

Myers, que inventou a palavra *telepathia*, definiu-a: «A transmissão de impressões de um genero qualquer, entre um cerebro e outro, independentemente de toda a via sensoria reconhecida.» O professor J. Grasset é mais explicito: «Chama-se telepathia, diz elle, uma sensação experimentada por um individuo A, quando a grande distancia succede um acontecimento grave (doença, accidente, morte,) a um individuo B, o qual não está ligado actualmente a A por nenhum dos meios já conhecidos de comunicação physica.» Todavia, como diz Grasset, a denominação de telepathia deveria mais racionalmente ser reservada para casos em que ha emoção, visto o termo *telesthesia* servir para designar os casos, menos numerosos na apparencia, em que ha puramente sensação sem emoção.

Muitas pessoas acreditam hoje na telepathia. Em um longo e paciente trabalho, Gurney, Myers e Podmore exforçaram-se em colligir todos os testemunhos que pareciam capazes de attestar a realidade d'esses phenomenos. Infelizmente, no prefacio que sobre esse livro escreveu, o professor Ch. Richet é obrigado a confessar que «as demonstrações experimentaes são assaz fracas, para que seja permittido a qualquer mostrar-se incredulo».

E, no entanto, pouca gente haverá que não tenha observado, no decurso da propria existencia, alguns factos d'esse genero, que não haja tido alguns presentimentos de acontecimentos succedidos em pontos bem distantes. Quando, porem, se analysam cuidadosamente esses factos, nota-se que as mais das vezes a compravação é feita depois do acontecimento, e que o raciocinio, a reflexão poderiam perfeitamente ter estabelecido uma relação apreciavel, entre a sensação ou a commoção pretendidamente telepathica e o proprio facto real. Por vezes tambem, são meras reminiscencias polygonaes ou simples coincidencias. Assim, na mesma noite em que ardia a Opera-Comica, eu achava-me longe de Paris, em viagem, e sonhei com um incendio. Foi um mero acaso, e embora notasse esta coincidencia, nunca pensei que houvesse n'ella phenomeno de telepathia ou premonitorio.

Estas coincidencias todavia, estas comprovações apoz os factos têm sido verificadas com cuidado, ao passo que outros casos, em que a sensação não foi provada pelo acontecimento passam despercebidos ou são mesmo omittidos. Eis a razão por que o publico de bom grado crê na telepathia. Se alguém se desse, porém, ao trabalho de publicar os

casos negativos, isto é, aquelles em que sensações e commoções fortes, tendo todos os caracteres das premonições telepathicas, vieram ultteriormente a ser reconhecidas como destituidas de fundamento, estou bem persuadido que não tardaria muito a asseverar-se que a telepathia não tem outra realidade senão a que a nossa credulidade lhe presta. Eis o motivo por que julgo util e interessante publicar aqui um d'esses casos negativos.

O sr. X... velho astmatico, sujeito a crises muito penosas, vae passar todos os invernos nos arredores de Cannes. Tem tres filhos, que vivem em Paris, na mesma casa.

Uma noite de inverno, haverá sete ou oito annos, o filho mais velho sonhou que seu pae morrera, no decurso de uma das suas crises, e tão forte foi o pesadello que o snr. A... levantou-se com o presentimento de que se dera uma grande desgraça. Levantou-se e começava já a vestir se, quando ouviu bater á porta do quarto. Tendo ido abrir, achou-se, com o irmão mais novo, o snr. B... que acabava de ter o mesmo sonho, e estava afflicto e consternado. Muito inquietos, desceram ambos á sobreloja do predio, onde dormia o irmão mais novo, medico, o qual, tendo tido pesadello identico, já se vestira, dispondo-se a ir ter com elles. Esta extraordinaria coincidencia dissipou todas as duvidas, e logo se decidiu que o irmão medico partiria pelo comboio da manhã, em quanto se expedia um telegrama á mãe dos tres, que estava em Cannes, ao lado do marido, para se obter a confirmação do triste acontecimento. Com effeito expediu-se o telegrama na Bolsa ás 5 horas da manhã, e o medico tomou o rapido das 9 horas. Ao voltarem da gare de Lyon, onde tinham ido acompanhar o medico, os outros dois irmãos encontraram a resposta da mãe, annunciando-lhes que o snr. X... passava o melhor possivel. O medico, que estava absolutamente convencido da morte de seu pae, contou depois a angustia terrivel que sentira, quando o vira ao chegar á noite, vir serenamente ao seu encontro.

Este caso de pseudo-telepathia, por mais curioso que seja, é todavia explicavel. Recordemos, em primeiro logar, que as preocupações da vespera exercem um papel consideravel na orientação dos sonhos. Ora, no jantar, que precedera o sonho acima referido, os tres irmãos haviam fallado por varias vezes do estado de saude do snr. X..., que dias antes tinha tido uma crise por demais assustadora. Esta preocupação não os largou mais durante o somno e determinou, pela entrada em accção da actividade polygonal, o pesadello e o simultaneo despertar dos tres irmãos.

Em uma das suas saborosas chronicas da *Vulgarisação scientifica*, o

Dr. Bardet fez já allusão a este caso. Contou ainda dois outros factos analogos de pseudo-telepathia, um pessoal, outro do Dr. H. Bouquet. Creio que não seria muito difficil aos observadores serios e imparciaes colligir bastantes outros, e isso serviria para demonstrar o papel que o acaso, a credulidade, a ignorância e a opinião antecipada representam na pretendida telepathia.

Dr. J. LAUMONIER.

ESPIRITISMO

Uma sessão com o Medium Miller

POR

Gabriel Delane

(Conclusão)

Depois, distinctamente, sobre a esquerda, apparece uma segunda fórma um pouco maior, de corõa luminosa, ou antes, uma banda de claridade á altura presumida da fronte, pois que não se distingue a physionomia. Estas fórmulas não são immoveis; deslocam-se ligeiramente e parecem deslizar; a ultima inclinou-se mesmo duas vezes. Dizem chamar-se Effie Deane e Carrie West, e ser em espiritos guias do medium. Estas fórmulas desaparecem e Betzy annuncia que o medium está agora em transe e que é inutil fazer a cadeia.

Ao fim de alguns momentos, espalhou-se gradualmente na sala um perfume muito suave, que fazia lembrar vagamente o da rosa, e quasi ao mesmo tempo sente-se uma corrente de ar frio, que circula a pouca distancia do pavimento.

Como a temperatura na sala é muito elevada, sinto perfeitamente o fresco.

Para me assegurar de que não estou allucinado, pergunto ás pessoas da extremidade se percebem alguma coisa. Muitas affirmam sentir a corrente de ar fresco que me refrigera os pés.

Afastam-se as cortinas e apresenta-se uma fórma de pequena estatura, dizendo-se Catharina Leblanc.

Posto que eu não veja o rosto, distingo de cada lado da cabeça duas tranças negras, assás longas, que parecem de cabello e que se destacam do fundo pardacento de suas vestes.

Com voz gutural diz que morreu no seculo xv, queimada em Paris, por causa do Espiritismo. Declara que é a primeira vez que pôde materialisar se.

«— Estou muito contente de ter podido vir, meus filhos.» — «Sois feliz?» pergunta-se-lhe. — «Mais que feliz, meu filho! Rogarei por vós.» Depois desaparece.

Um pouco mais tarde, uma fórma de estatura regular sae por completo do gabinete. Vem junto á senhora sentada á minha esquerda.

Ao contrario das outras formas, a cabeça, redonda, está nua! «E's tu?» — Pergunta a minha vizinha.

Tres vezes o nome de Jorge é pronunciado, é o de seu marido fallecido. Depois a apparição entra no gabinete, e a voz de Miller annuncia que aquelle espirito veio para a senhora que tem o seu retrato n'uma medalha em forma de coração, que traz ao peito.

No anno passado publiquei o retrato espirita d'uma menina, Angela Marchand, que foi obtido em S. Francisco.

Uma forma sae do gabinete e diz ser Angela Marchand. Pronuncia o meu nome e o de M.^{me} Letort, e pede para se escrever a sua mãe, contando-lhe esta sessão. A voz um pouco baixa, tem um leve accentto inglez.

Mais tarde o medium diz-nos que ella fallava o francez, mas que tinha nascido e sido educada na America.

Depois vem outra apparição bastante grande, que avança um pouco na sala e diz ser o Dr. Benton, outro guia do medium.

Pronuncia em inglez um verdadeiro discurso, em voz distincta, mas não se volta e não lhe posso vêr a cara. Promette que as manifestações irão augmentando de intensidade, e que ficaremos plenamente satisfeitos. Depois entra no gabinete.

A voz de Bitzy pede que se cante. Uma assistente canta «Colinette», acompanhada por outras pessoas.

Betzy reclama depois uma canção dos pretos, muito popular na America. Emquanto M.^{me} White nos delicia, ouve-se no gabinete uma voz bastante forte que a acompanha. Depois Retzy mostra-se entre as cortinas, dizendo que falla muito pouco o francez mas que o comprehende bem, porque foi educada em Nova Orleães. Esteve ao serviço dos paes de Miller, mas este nunca a conheceu em vida. Depois M.^{me} White canta e Betzy, visível, acompanha a ária com uma voz forte e bem timbrada.

Terminada a canção, Betzy desaparece, e o medium sae immediatamente, como se uma poderosa força o projectasse na sala. Parece em transe e volta lentamente a si.

Devo consignar que as vozes que ouvi, me pareceram bastante differentes umas das outras, não sómente como timbre, mas tambem como volume e intonação.

Logo que o medium despertou, inspeccionou-se de novo o gabinete, estando os sellos intactos e não apparecendo nada de suspeito.

GABRIEL DELANNE.

O Concurso artistico do "AZULEJOS"

Temos em nosso poder ainda alguns premios que não foram requisitados. Se não os reclamarem até ao dia 8 de novembro ficarão pertencendo a esta redacção. As colleções artisticas estão, desde já, ao dispor dos respectivos proprietarios, aos quaes serão promptamente enviadas mediante o pagamento do porte do correio.



A partida de bilhar

POR

Gervasio Lobato

(Continuação)

— Quem é aquelle alferes que dança com aquella rapariga loura?

— E' o amante della, o Esteves.

— Ella não é casada?

— E' com um amigo intimo d'elle— o seu general. Vivem todos tres juntos e na melhor harmonia.

— *Menage* á moderna, ah! ah! ah! Elle não sabe?

Só se é cego ou tolo. Elles nomearam-se descaradamente em toda a parte... Repara como elle a agarra...

— Aquillo até é indecente. Pobre marido... E ella não tira os olhos d'elle...

— Parecem dois noivos em plena lua de mel.

— E são. Ella casou ha dois meses... com outro.

— Olha, não viste agora, ella a encostar a cabeça ao hombro d'elle.

— Estão magnificos... ah! ah! ah! Onde estará o marido... Talvez esteja a fazer carambolas...

— Oh! mas isto é de mais... olhe, deu-lhe um beijo nos cabellos.

E a musica parou e a walsa cessou os ultimos giros; os dois interlocutores apartaram-se, rindo, e por entre as cortinas da janella ao pé da qual se passára este rapido dialogo, appareceu uma cara medonhamente pallida, desfigurada, quasi grotesca. Era o general.

Quando a luz amarella do gaz lhe bateu em cheio, quando o vosear confuso das salas o envolveu como uma onda de fumo, a pallidez do velho, transformou-se rapidamente: as faces coloriram-se tanto que dir-se-ia dellas ir rebentar o sangue; as mãos nervosas apertaram convulsivamente os copos da espada, e, esmagando todas as suas dôres immensas sob a sua vontade de bronze, fez de todos os seus desesperos um sorriso, pungentemente alegre, atravessou sereno e tranquill; as salas por entre os hombros nús das mulheres e o ruge ruge dos vestidos roçagantes e chegou até o sophá, onde sua mulher conversava baixinho com o seio offegante de cansaço e os hombros humidos como os lyrios ao amanhecer; com o alferes enterrado commodamente no sophá ao lado della.

O general sentou-se nesse sophá.

— Indiscreto, disse-lhe ella, e se fosse segredo?...

E' uma conspiração do alferes contra o general.

— A disciplina prevê esses casos, respondeu o general num tom singularmente zombeteiro.

Ella olhou-o com os seus grandes olhos verdes e excentricos e deu o braço a um par que a vinha buscar para a contradança.

Os dois ficaram sós.

O alferes puchava melancolicamente o pequeno bigode e seguia com olhar vago as rozas da cauda do vestido della que se afastava lentamente como uma onda suave.

O general, mudando de côr com a rapidez do diamante exposto a uma luz, torturava na mão cerrada uma luva de pellica branca.

Ella desapareceu por entre a multidão de pares que tomavam posições nas salas.

Esteves, depois dum momento de silencio, fez um gesto para se levantar.

— Fica, disse-lhe o general a meia voz e esmagando-lhe o pulso direito entre os seus dedos d'aço.

O alferes olhou-o espantado.

— Tu és o amante de minha mulher? perguntou-lhe o general depois de mastigar a phrase como se ella lhe queimasse as guelias.

O outro fez-se mais branco do que as luvas e ficou calado.

— Responde, insistiu o general, fixando nelle os seus olhos azues, turvos com uma expressão feroz.

— Sou, murmurou com voz sumida o alferes.

O general teve um impeto terrivel. Lançou-lhe o braço á roda do pescoço como uma serpente... Nisto passava o velho coronel maneta.

— O que é isso? disse-lhe elle, rindo, e a disciplina? Um general abraçado ao alferes...

Lá se vae o respeito militar.

— Tens razão, respondeu-lhe secamente o general, levantando-se. Sou general. Venha jogar commigo, alferes, disse elle num tom comico que fazia calafrios.

Esteves levantou-se machinalmente.

— Quero dar-lhe a desforra. Sigamos, ajuntou imperiosamente, o general dando o braço ao coronel.

O alferes seguiu-os com a expressão estúpida dum phantasma de theatro.

(Continúa).

Na prisão

Longe da sua terra, abandonado,
Sósinho sem confortos, nem carinhos,
Lembrava a triste sorte dos filhinhos,
Dos quaes o separara o seu mau fado.

Recordava os seus dias de amargura
P'ra sustentar os seus e a si tambem,
E conservar-se sempre homem de bem
No meio de tamanha desventura.

E lembrava-se... Sim! julgava ver,
Os seus filhinhos todos a chorar,
Todos rôtos, pedindo de comer!

E como em sonho, elle via allucinado,
Aquell' dia em que p'ra os filhos salvar,
Ell' deixara de ser homem honrado!

RUSTICO.

PAGINA EROTICA

(Dialogo)

Divagando

(a A. A. D. P. C.)

Era em setembro...

A lua, merencorea e fria, distendia pela amplidão azul os seu raios de prata scintillantes...

—Uma aragem penetrante soprava do Oriente...

Junto a um arroio que manso deslisava e alegre murmurava por entre a espessura de urzes e salgueiros, um idyllio se passava...

Quem ao clarão pallido da lua pudesse contemplar este louco pár enamorado e ouvir-lhe os seus puros canticos de amor, julgaria ver ante si um dos formosos quadros *raphaelicos*, traduzindo o sentimentalismo casto de dois corações amantes!...

Elle:—«A' alvinitente escuma de Thétis queria juntar n'um élo indissolúvel, como o nosso amor, as *iriantes* fulgurações de Apollo!

«Ao trinado harmonico d'uma philomela, a voz vibrante d'uma fada que a poesia tivesse feita sonho!...

«A's luzes rubras d'um poente outomnal, as auri-fulgentes scintillações do teu olhar de santa.

«E depois de tudo isto realisar, n'uma ascensão frenetica, queria subir... subir... subir ao manto *ceruleo* dos céos; e ahi, n'um retalho branco de luar, escrever a pequenina phrase que a meus labios, nascida d'um coração só teu, — constantemente vem afflorar:—*Amo te!*...

E logo depois d'esta enternecida phrase ter escripto, n'um rapido vão de avésita alegre, á terra descer.. para juntos a contemplarmos...»

Ella:—«E que momentos de ventura ingente não seriam esses?!...»

Elle:—«Ah! seríamos tão ditosos que essa phrase, que gravada temos no recesso mais recondito dos nossos corações, segredar-nos hia, n'uma melodia estranha, estrophes de amor perduravel, — burilladas, pelas setinosas mãos dos anjos, nas *glaucas* idealisações das nossas mais ambicionadas esperanças!!

—*Ella*, n'um repto de felicidade impolluta:

—«Ah! mas eu não pediria ao mar as brancas escumas nem a um poente as luzes do seu rubor intenso; apenas levando preso o teu ao meu coração, queria poder evolar-me ao manto *ceruleo* dos céos; e ahi, como disseste, *peralisar* uma outra phrase, que sem as diamantisações da tua, mais ainda

fulgararia e muito melhor ao coração nos fallar!

Elle:—«Qual era?!...»

Ella:—«N'uma cantante symphonia de ferverosos beijos: *Aniamo-nos!*

Porto, 1908.

PEDRO MARIA DA FONSECA.

(Othão)

(Dos «*Sombrios*» livro *inédito*)

(Obs.: Da minha penultima producção rectifico as gralhas seguintes:

arrostava e não arrastava, rubido e não subido etc.

(Othão)

Realismo

Formosa e linda noite de luar.
No céu, de cor poetica azulada,
Vê se brilhar a lua immaculada;
Um relógio dá horas de vagar.

Lá do seu alto e tóso quarto andar,
Uma donzella triste e recatada
Vae abrindo a sua alma apaixonada
Ao noivo tão feliz por a scutar.

Diz ella com doçura:—«o meu ardente...
Replica ell' cá de baixo ternamente:
—«Falla mais alto, sim? pois nada ouço...»

Um garoto, que segue o seu caminho,
Ouvindo este colloquio, não mausinho,
Põe-se a gritar de longe:—«Larga o osso...»

I I

S. Pedro de Alcantara ao sol poente
Junto ás grades, dois veijos delicados
Vão recordando os tempos já passados,
Olhando p'ra cidade vagamente...

Em baixo, no jardim lindo e virente,
Nos bancos com doçura reclinados
Conversam varios pár's de namorados,
Apertando as mãosinhas ternamente

Vão caíndo mui lentas as Trindades,
Sente-se a alma immersa em funda dor,
E' a hora dos sonhos e saudades...

E, sob uma gentil densa palmeira,
Um *mancipal* altivo, ebrio de amor,
Vae furtando beijocas á sopeira.

I I I

Deslumbrante visão perturbadora,
Passa no «Gelo», altiva e triunfante,
Uma gentil mulher encantadora
Que a multidão enerva num instante...

Electrisada, a louca mocidade,
Ao vê-la assim tão linda e tão formosa,
Crava nella os seus olhos, cubicosa,
Suspirando de amor e de anciedade!...

Nisto, um cadête *heroico*, aperaltado,
(Que de conquistador já tem vaidade)
Péde á dama um sorriso, apaixonado...

A dama sorri, louca de ventura,
Mas nisto, — Pae do Céu! — fatalidade!
Cae-lhe no chão a linda dentadura!...

(Da «*Musa galhofeira*» no prelo)

MANOEL CHAGAS.

CANTARES:

(Em vespuras de S. João.)

A' doce luz das fogueiras,
Chegae bandos de moçoilas,
Córadas como as papoilas,
Cantando trovas bejeiras.

Trazei vosso namorado,
Chegadinho ao coração,
P'ra saltar de braço dado
Km noute de S. João

Vinde pular nas fogueiras,
Vinde alegres raparigas,
Olvidar certas canceiras,
Ao som das bellas cantigas.

Em tom alegre e fagueiro,
Cada moçoila a cantar,
Vae ondulado o pandeiro
A' luz branca do luar.

Cada nota é um lamento,
Cheio de graça e vigor:
Cabellos soltos ao vento
A respirarem amor.

E a lua que tudo beija,
Põe-se do Ceo a espreitar,
Perdidinha com inveja,
Por não ter com quem saltar.

E em paga de taes desgostos,
A's cachopas juvenis,
Vae banhando os lindos rostos,
E seus corpinhos gentis.

Desperta emfim a alvorada,
Que vem pôr termo á folia;
Ja não se ouve a guitarrada,
Ja se apercebe que é dia.

Todos vão a debandar,
Levando recordação
Daquelle doido estroinar:
—E' dia de S. João!...

ABRIL DE AGUIAR OTEDA.

ESTUDOS DE OCCULTISMO

SYMBOLISMO

(Continuação)

Logo na primeira pagina do Genesis, diz-nos Moysés que Deus separou as aguas das aguas; isto é, que na formação do Universo os fluidos se separaram, em consequencia de sua diversa densidade, e as aguas physicas das aguas astraes.

Em outras partes da biblia, encontram-se expressões identicas. Jonas soffre um *naufragio* e fica durante tres dias habitando o interior de um peixe, que o enguliu, salvando-se das *aguas*. Porque, se a encarnação era symbolizada no naufragio, quem quebrava o cyclo das reencarnações, salvava-se das aguas. Assim Moysés é salvo das aguas pela filha de Pharaó; e elle mesmo consegue libertar Israel da escravidão do Egipto, conduzindo-o a salvo atravez as *aguas* do Mar Vermelho.

Lot salva-se do incendio que destruiu Sodoma e Gomorra, as quaes fo-

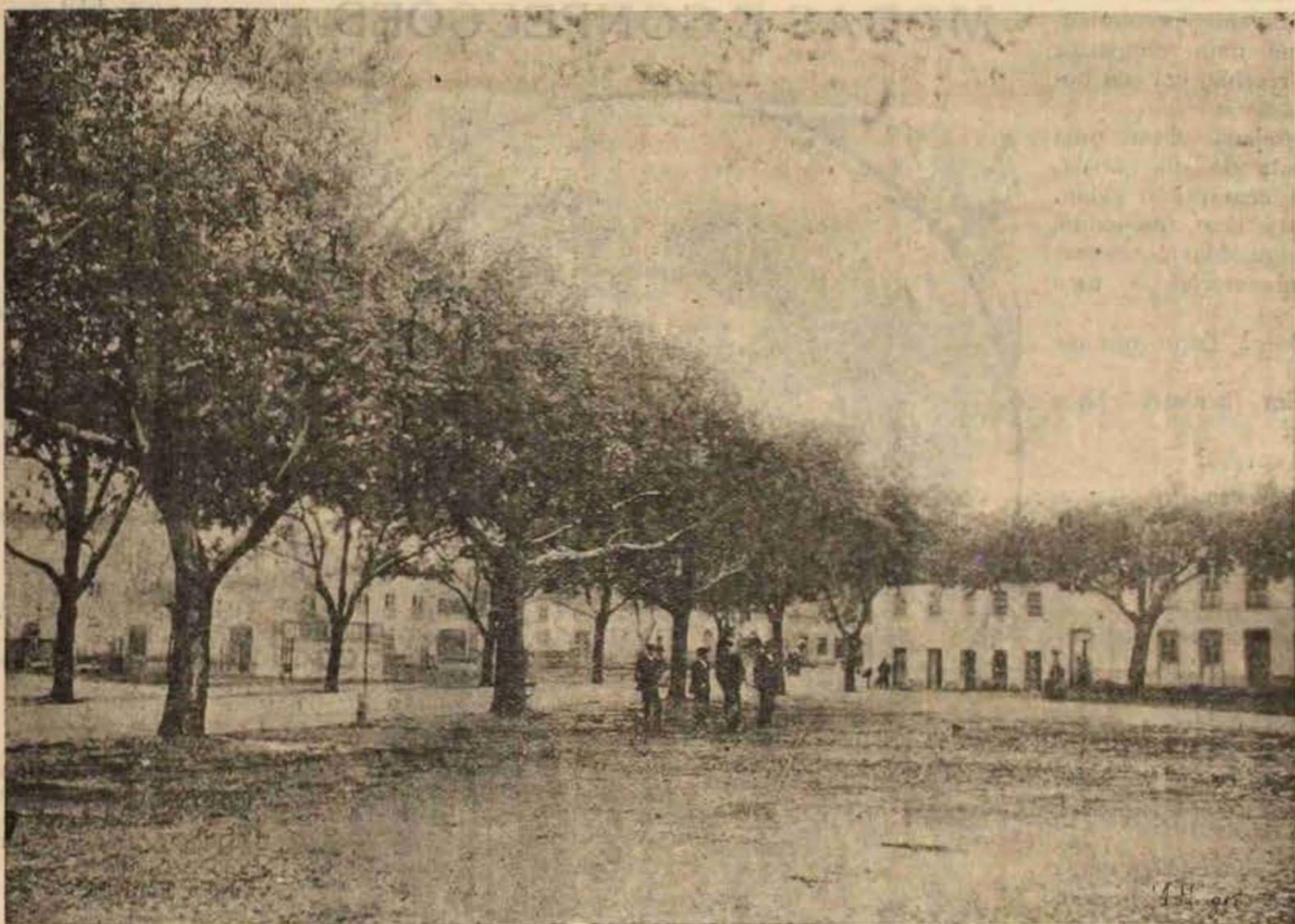
ram em seguida inundadas pelas *aguas* do Mar Morto; e a mulher de Lot, que movida pela curiosidade olhou para traz, foi transformada em uma pedra de sal. Aqui o symbolismo da encarnação offerece uma certa originalidade; o nascimento no mundo physico é comparado com a cristallização do sal das aguas mães, e a sua causa claramente indicada nas paixões (curiosidade), e na recusa ao progresso moral pelo amor ás cousas materiaes,

Conforme o primeiro sentido, vê-se nesta allegoria apenas a narração ingenua de uma lenda, que durante muito tempo se teve como verídica, chegando ainda hoje a discutir-se muito a serio se o diluvio foi universal ou limitação apenas á parte do globo conhecida então por Moysés.

Procurando o segundo sentido, o sabio, applicando as leis da *analogia*, poderá comparar a arca, construída por Noé, ás paredes uterinas durante

formado uma idea inexacta do desenvolvimento das especies animaes e comprehendeu mal a genese do homem quando suppoz que este reproduzia no seu desenvolvimento intrauterino todas as especies animaes. E' bem explicito a este respeito, quando nos conta que Deus ordenou a Noé que introduzisse na arca um par de todos os animaes (mammiferos), de todos os reptis e de todas as aves. E' por esta razão que, quando no primeiro capi-

Portugal pittoresco



VILLA DE POMBAL.—A rua da Estação, parque e coreto

consubstanciado na expressão — olhar para traz.

Neste sentido, a historia mais notavel de todo o Pentateuco é sem duvida a historia do diluvio. Segundo esta allegoria, Deus, querendo purificar a terra de todos os crimes que a infestavam e ao mesmo tempo desejando castigar os homens culpados de esses crimes, mandou o diluvio e morreram todos os homens alogados nas aguas que inundaram a superficie da terra. Só conseguiram salvar se o justo Noé e a sua familia, que se conservaram na arca para este fim construída, por ordem de Deus. Ora esta foi fabricada com uma disposição que a dividia em tres compartimentos bem distinctos—um em baixo, outro no meio e o terceiro na parte superior, o que desde já denota que a historia comprehende os tres sentidos classicos: positivo, comparativo e superlativo.

a gestação. Dentro dellas verá o feto resultado do desenvolvimento do ovulo depois da fecundação, apresentando diversas phases, nas quaes reproduz por analogia as especies animaes donde derivou. No seu desenvolvimento progressivo, passa pelo estado de monera, gastrula, mais tarde peixe attingindo por fim a sua forma definitiva. Conforme esta interpretação, o que se introduziu na *arca* foi realmente um par de animaes dos que se encontram na arvore genealogica do homem.

Mas quem ensinou a Moysés a theoria evolutiva das especies animaes, que só muito mais tarde foi desenvolvida por Darwin, Haechel e outros? Já o dissemos no nosso artigo anterior, quando tratamos da *analogia*. Esta arma conduz quem a sabe empregar, a resultados de exactidão surpreendente. Mas o iniciado que tomou o pseudonymo de Moysés, parece ter

tulo do Genesis trata do desenvolvimento das especies animaes e da ordem do seu apparecimento sobre o globo terrestre, o vemos hesitar sobre o logar que compete dar aos reptis e ás aves. *Errare humanum est*, e Moysés tinha razões para não possuir um conhecimento muito aperfeiçoado das sciencias analypticas.

Conforme esta segunda interpretação, as *aguas* são o emblema do liquido amniotico, no seio do qual nada o feto; e é o utero que, pelas suas contracções, impelindo o feto para o exterior, o salva realmente das aguas, o que está de accordo, como vamos agora ver, com a etymologia da palavra *arca*.

(Continúa)

ARTHUR BENONI.

Um heroe comico

SEGUNDO se conta, houve uma ocasião uma mulher, muito formosa, elegante e cheia de caprichos.

Sobre tudo, a ultima coisa.

Era alta, robusta, morena, olhos rasgados e flamejantes, boca sensual, seios volumosos e palpitantes. emfim, uma mulher temivel e até terrivel!

Seu principal capricho era o homem que viria a ser seu marido.

A cada momento se apresentavam pretendentes, que uma simpática criada recebia, em seu nome.

—Desejava obter uma entrevista de sua patrão, dizia o enamorado galan.

—Está bem, respondia a rapariga. Mas antes tem que submeter-se a uma prova.

—Como? Tem que me provar?

—Sim senhor. Sabe montar?

—A caválo?

—Decerto.

Então vamos lá.

—Pois então venha comigo e aprestar lhe hei o grande pôtro.

—Mas, eu procuro é a senhora!

—A senhora observo-la numa janéla a vêr como cái.

—Quê? Tenho de caír?

—A vêr como cái sobre o bruto.

—Ah! Bom! Quer vêr a galhardia do seu pretendente. Não está mal pensado!

A este diálogo seguia-se um passeio equestre pelo patio da casa e depois o cavaleiro ia vêr a senhora que o despedia imediatamente.

Assim passavam as coisas até que um dia um sujeito rúde, de não mau aspéto fêz a pergunta, e a criada repetiu o que dizia a tôdos. O bom homem lançou um suspiro terrivel e como aquêle que se decide a fazer um grande sacrificio, exclamou:

—Vamos vêr o pôtro.

—Parece que o senhor tem medo? mormurou a criada.

—Algum, para que negá-lo?

—Não confia nas suas forças?

—Oh! Forças me restam; Caramba! Cuida que sou um velho?

—Deus me livre de crêr em tal, vendo-o tam composto e com esse cabêlo negro como o asevice.

—E' todo meu, todo meu, acudiu o pretendente.

E, visto estar já seládo o pôtro,

montou com trabalho e dispôsto a morrer pelo seu amôr.

O animal notou o medo do cavaleiro e lançou um coice tremendo.

O chapéu e a cabelleira d'aquêle pobre diabo foram por áres e ventos.

A mulhér caprichosa deu uma gargalhada retumbante.

Depois de outro salto do caválo o nosso homem chegou até ao primeiro andar indo cair afortunadamente sobre uns fardos de palha.

—Ainda vivo—exclamou, levantando se como poudé.

—Ganhei a!

—Póde seguir-me, cavalheiro, disse a criada.

Em poucos minutos se encontrou

MODAS E CONFECÇÕES



face a face da formosa mulher dos olhos negros.

—Ah! Senhora! Creio haver conquistado o seu amôr pela heroicidade que acabo de cometer.

—Está completamente equivocádo, meu amigo. Não me serve para marido.

—Céus! Quê? recusa! Pois não viu que cheguei ao primeiro andar?

—Por isso, precisamente. Para casar comigo chegaria até o terraço.

E veltando lhe as costas, ajuntou, em tom desprezível:

—Já não ha homens como os que eu quero?

Setembro de 1908.

Versão de

LUIZ MACHADO «ZUL»

Despedida

I

Este meu canto dolente,
Este adeus tão veheçante
Que te envio a suspirar,
E' uma saudade infinda,
Que sae do meu peño ainda
E no teu vae echoar.

II

E' o adeus d'um moribundo
Que se evade d'este mundo
Por te não poder amar,
E' uma vida sem norte
Que correndo vae á mórte...
Só tu a podes salvar.

III

Esse teu sorriso altivo,
Esse desprezo tão vivo,
Que lhe soubeste mostrar,
Tornou-lhe a vida um inferno
E o seu coração tão terno
Logo sentiu baquear.

IV

Foste tu, minha vaidosa
Que a seus sonhos cor de rosa
Fundo golpe foste dar
Ao fita-lo com desprezo,
Pois que então já estava preso
Nessa luz do teu olhar.

V

Mas não me abandona a esp'rança
Inda tenho confiança
Em minha sorte vingar
Tu has-de-te arrepender,
Tu ainda has-de sofrer
Por me teres feito matar.

VI

E no derradeiro instante
Quando a chamma fulgurante
D'esta vida, se apagar,
Quando tiveres mais juizo,
Perderás então o riso
Tu por mim has-des chorar.

Lisbôa 7 de Setembro de 1908.

A NOSSA ESTANTE

A declaração — Peça em um acto por Simões de Castro.

A falta de espaço com que ultimamente temos luctado obriga-nos a retardar a nossa fraca opinião acerca de alguns trabalhos litterarios que amavelmente nos teem sido dirigidos. Falaremos hoje da peça do sr. Simões Castro.

Sem as situaçãoe embaraçosas de um enredo complicado, *A Declaração* é uma *bluette* bem dialogada, sem novidade de acção, fundida em moldes de velha technica, mas que em todo o caso, deve ouvir-se com agrado.

Em nossa maneira de vêr, talvez

por um prisma que nos conduza ao erro, ha dialogos um pouco alongados aos quaes o auctor poderia ter reduzido a extensão, facto com que o seu *lever-du rideau* poderia lucrar alguma coisa.

Nevoas = Versos de M. Vas Passos.

Um verso bem trabalhado, harmonioso, por vezes de rima n bre, embora não venha trazer-nos ideas elavados ou de molde novo, lê-se sempre com agrado e boa disposição.

E' o que succede com o livrinho do sr. Vaz Passos, gentilmente offerecido ao *Azulejos*.

As *Nevoas* são elaboradas por um poeta de coração sensível, soffrendo e vibrando tanto com o mal alheio, como com o seu proprio mal. Da leitura que fizemos surgiu nos a impressão de que Vaz Passos é um desilludido da vida, vergado ao combate de um desgosto intimo, que veio fazer-lhe a derrocada dos doirados castellos edificadas na alma, durante a quadra florida da sua mocidade.

Das *Nevoas* destacamos ao acaso a poesia *Desolação*.

Para que regiões me fugiriam...
Para o Céu, para o Mar, para onde iriam
As illusões da minha mocidade?
Da idade na flôr, já sem esperança...
Onde estão os meus sonhos de creança
E os anhelos febris da tenra idade?

Oh! illusões, oh! sonhos mal sonhados,
Onde... onde estareis vós sepultados?
Em que despenhadeiro, em que caverna,
Que nunca mais vos vi e não vos vejo?...
E em vão tornar a ver-vos busco o ensejo,
Mas sempre a treva, sempre a sombra eterna!

Guitarra de Romanol

95

Ideal és como a lua
Argentea, pura! sem par,
Todos te veem da rua,
Ninguem te pode chegar.

96

Essas tuas mãos patricias,
Lindos primor's de esculptura,
Em fementidas caricias
Hão-de abrir-me a sepultura.

97

Assim como o sol poente
Afogueia o horizonte
Assim eu n'um beijo ardente
Avermelho a tua frente.

98

Igualas em perfeição
A mais sublime esculptura:
Se teu proprio coração
E' talhado em pedra dura!

99

Desce o sol no poente,
Dormita o prado risonho,
P'los atalhos canta a gente,
Morre o dia: vive o sonho.

100

Vae a lua em debandada,
Lá vem o sol de subida,
Larga o camponio a pousada,
Morre a treva: nasce a vida.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente:—*Albertiua M.* (Julho de 1908).

Apesar de todos os defeitos da minha gentil consulente, defeitos confessados e que por assim dizer, são os de todas as mulheres, vêjo que tem boas qualidades suficientes para, com o decorrer da vida, esbaterem a dureza do colorido que a vaidade, o despotismo e a irratibilidade dispuzeram na palêta da sua alma. Um talismã maravilhoso virá, a seu tempo, como nas magicas, mudar a face das coisas, puxar os cordelinhos da máquina da sua existencia: é o *amôr da familia*, virtude para a qual o espirito de V. Ex.^a está maravilhosamente dispôsto. Como é inteligente e tem grandes aptidões, peço-lhe que triture no almofariz do estudo serio e honesto, as sementes daninhas que tão bem conhece existirem na sua individualidade.

Agora vamos ás profecias:

Fuja dalgumas das suas amigas. Quaes?

Estude-as que logo as conhece.

Esmague na casca a gêma do ovo da avareza que, se fôr bem chocado, lhe produzirá desgostos enrrmes.

A ruina dalgum será causa do acrescimo de seus bens de fortuna, isto sem que a consulente sêja provocadora da desgraça do proximo.

Na mocidade terá fundos pezares causados por parentes proximos; na idade madura cortará relações com algum de sua familia.

Casará duas vêzes.

G. C.

Consulente:—*Maria F. C.* (Julho de 1908)

Muito energica, grande imperio sobre as pessôas que a rodeiam, desêjo vehemente d'impôr a sua vontade a todos, mas tudo isto feito á calada, dum modo calmo e correcto, parecendo que é a féra domada, mas sendo, em verdade, o domadôr.

Esta calma aparente, que é mais uma prova da sua força de vontade, pode no entretanto desaparecer de repente e transformar-se subitamente numa violencia inaudita, estupenda, apocaliptica. Nesses momentos, só uma criatura humana a poderia dominar—*eu* = porque:

Não me fascina a tua ideal belêza
Sinto um mixto de dô e de tristêza...
Etc.!

A' bon entendeur, salut!

E' animosa e tem tendencia para o charlatanismo. Pensa demais.

Não a conheço e pode sêr que os astros me enganem mas, por entre as brumas do *fatidico*, vejo-a radiante de formosura, duma belêza fisica esculptural, apeteçivel, tentadôra, um demôniozinho gentilissimo que Santo Antonio não encontrou decerto no seu ca-

minho porque, se a topára, não seria canonizado.

Quem pudêra perdêr o Céu, arden-do no fôgo infernal do seu olhar, queimado na chama dulcificante da sua paixão!

Abrenuntio! T'arrenêgo! A menina é das taes que pôde, querendo, fazer voltar-se o feitiço contra o feiticeiro!

Sáfa!

G. C.

Veja-se nas capas a senha de consulta e demais requisitos.

CURIOSIDADES

O sophisma do Gascão—Mr. de Crac declara que os gascões são mentirosos, mas mr. de Crac é gascão, logo mr. de Crac é mentiroso. Ora se mr. de Crac é mentiroso mentiu quando declarou que os gascões são mentirosos, e portanto os gascões não são mentirosos, logo mr. de Crac, que é gascão, não é mentiroso. Mas se elle não mentiu, é claro que então os gascões são effectivamente mentirosos, como elle disse, e portanto mr. de Crac, que é gascão é tambem mentiroso... e assim successivamente.

Ou a logica é uma batata.

DEFINIÇÕES

Jantar de Enterro:—Banquete em que o defunto faria mal em apparecer á sobremeza.

Jugo:—Prisão, cuja chave temos no bolso.

Livro:—Gatrafa que nos enche sem se esvasear.

Mentira:—Imaginação viajando, *incognita*

Moribundo:—Viajante que deseja perder o comboio.

Nadar:—Mais uma inferioridade do homem sobre os outros animaes.

Plebeu:—Cidadão que não quereria ser barão... se pudesse ser marquez.

Quadrilha:—Maneira como outra qualquer de protestar contra a dansa.

Carvão:—A cevada do progresso.

Cumulos

O Craveiro dar cravos

O João Pacifico zangar-se

Chamar preta á *Miss White*.

Accender *O Lamparina*.

Tomar o *Chá e Torradas*.

Fazer um predio d'*Azulejos*.

Semana Alegre

— Changer de visage —

Representava-se na «Comédie Française» a tragedia de Racine «Mithridate», sendo desempenhado o papel de príncipe por um actor extremamente leio.

N'uma das scenas Momima diz ao protagonista (o tal actor feio):

Seigneur, vous changez de visage...

— Não faz mal! — grita um gracioso da plateia.

?

**QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?**



**O GRANDE CONCURSO
DA 4.ª SERIE**

Lista dos premios

- 1.º — Um serviço de jantar, em porcellana;
- 2.º — Um estojo com escovas em prata;
- 3.º — Uma doceira;
- 4.º — As quatro series do AZULEJOS encadernadas em percalina;
- 5.º — Uma assignatura para a 5.ª serie.

Condições do Concurso

- 1.ª — Decifrar, durante os 15 numeros da 4.ª Serie, maior numero d'artigos alem de 150.
- 2.ª — Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condição do concurso, augmentando-lhe o prazo, assim:
Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervallo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.
- A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.
- As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Logogripho

Rapido

1 2 3 4 5 6 7 8 9
Mulher Rio
Terra portugueza

UM ESTREMOCENSE

Charadas

Triplice

Planta, madeira e tinta-3.

AMELIA BORGES

Combinada

- 1.ª + lo = Trincheira
- 2.ª + dice = Graça
- 3.ª + a = Ave
- 4.ª + xes = Berloques
- 5.ª + gera = Ave
- 6.ª + cardo = Peixe
- 7.ª + bada = Animal

Homem doentio

JOÃO DA CIDADE

Paronyma

Vi esta planta n'uma cidade italiana-2.

ODIN

Truncada

E' a extensão que cultivo-3.

OJUARA

Em phrase

O pronome e o verbo pedem a musa-1-1-1.

PANASCAS

Transposta

Arbusto-3.

D. FUFIA

Syncopada

3 Epocha da planta-2.

A. MORAES DE CARVALHO

Biforme

A peça do moinho impede colheita abundante-2.

A. MORAES DE CARVALHO

Enygmas

Saltitante

1-2-3-4-5
1-4-3-2-5
3-4-1-2-5

N'esta cidade estrangeira vi fogueiras de fasquias.

BAPDIN JUNIOR

Em verso

Qual é a coisa qual é ella
que ás avessas é cidade
e ás direitas é pomada,
que tem uma cor amarella
e está n'uma caixa fechada?

ELMINO

Por iniciaes

Q P P P T E C P F
1 2 2 2 1 3 2 2 1

RAMITO

A F È B C
1 2 1 2 4

J. P.

Typographicco

No rosto 5, no corpo P 1
50 H vogal

BAPDIN JUNIOR

Pergunta enygmatica

Qual é o nome proprio que, anteposta a 4.ª letra, dá um outro nome proprio?

JOÃO DA CIDADE

Artigos a decifrar, 15.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 às 5—Rua da Palma, 133, 1.º

ANACLETO DE OLIVEIRA ++++
◆ ◆ MEDICO-CIRURGIÃO ◆ ◆
Rua S. Vicente á Guis, 22, 1.º

Aluga-se

Grande Deposito

— DE —

MOVEIS DE FERRO

— E —

Golchoaria

— DE —

JOSE A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.^a, 2.^a e 3.^a Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

600 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

750 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte do correio.

